



**Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB**

**Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação**

Polo: Santa Maria – RS

Disciplina: Elaboração de Artigo Científica

Professor Orientador: Prof.^a Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch

Data da Defesa: 25 de Agosto de 2014

**Construções colaborativas em rede no PIBID UFSM Teatro: estratégias
na iniciação à docência.**

**Collaborative constructions network in PIBID UFSM Theatre: strategies for
initiation to teaching.**

WEISHEIMER, Susan Deisi.

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Esse artigo aborda as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como suporte mediador no desenvolvimento das atividades de construções colaborativas dos bolsistas do PIBID UFSM Teatro. Com o objetivo de investigar os usos e contribuições das TIC como estratégias de construções colaborativas em rede. A metodologia empregada para esse estudo foi a observação participante somada a pesquisa bibliográfica e fichamento de leituras para embasar as reflexões a cerca do campo investigado. Como resultado dessa investigação se verificou que as TIC dependem intimamente de vínculos de reciprocidade e princípios ético-estéticos entre os sujeitos envolvidos e ações de construções colaborativas.

Palavras-chave: Construções Colaborativas; Reciprocidade; TIC; PIBID UFSM Teatro.

Abstract

This article addresses the Information Technology and Communication (ICT) support as a mediator in the development of collaborative constructions of Fellows PIBID UFSM Theatre activities. Looking for to investigate the uses and contributions of ICT strategies for building collaborative network. The methodology employed for this

study was the participant observation coupled with book report, literature and readings to support the reflections about the investigated field. As a result of this investigation we found that ICT depend intimately bonds of reciprocity and ethical-aesthetic principles among the subjects involved and actions of collaborative constructions.

Keywords: *Collaborative Constructions; reciprocity; ICT; PIBID UFSM Theatre.*

Introdução

Esse estudo é resultado de investigação sobre as estratégias utilizadas pelos estudantes bolsistas do 'PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da Universidade Federal de Santa Maria – Licenciatura em Teatro'¹ em suas ações para as construções colaborativas em rede na prática de iniciação à docência. Dessa maneira o tema de pesquisa foi “As TIC como suporte mediador no desenvolvimento das atividades de construção colaborativa dos bolsistas do PIBID UFSM Teatro”.

Para isso pesquisou-se quais as ferramentas TIC mediaram às ações de interação e colaboração dos estudantes bolsistas. E a compreensão de seus usos e a relação dos estudantes com as TIC na sua prática de iniciação à docência e a pesquisa.

Essa pesquisa se justifica pela emergência de compreenderem-se as possibilidades contributivas das TIC para as ações de estudantes de iniciação à docência. Principalmente pelo pouco incentivo e/ou investimento que se percebe para com o uso das ferramentas de TIC durante a formação acadêmica nos cursos presenciais. Em específico, a inexistência de um ambiente virtual² específico, rico em ferramentas interativas, para a atuação do discente do PIBID UFSM a fim de estimulá-lo para o compartilhamento de experiências e conhecimento.

Diante disso, esse estudo pretendeu compartilhar as experiências catalogadas e descritas através de artigo científico. Pois se entende que as ações observadas e relatadas são ressignificadas após o seu compartilhamento, ou seja, torna-se material de conhecimento para outros espaços, análises e utilizações. Assim como um registro da prática de formação de conhecimento dentro de um

¹ Para essa nomenclatura optou-se usar PIBID UFSM Teatro no decorrer do artigo.

² Não desconsiderando a existência e importância do Moodle, faz-se menção a possibilidade de se pensar em um ambiente virtual mais atrativo e de maiores possibilidades.

recorte temporal do fazer docente (durante a iniciação à docência) em meio a múltiplas tecnologias e transformações que se descartam numa velocidade extrema. Uma experiência de campo para pensar e analisar a formação docente e as TIC a partir de um grupo e localidade específicos. Compreende-se também que o resultado desse trabalho deve inspirar a criação de novos projetos e ações que fomentem o melhoramento de processos de formação e disseminação do conhecimento, mediados em rede.

E ainda essa pesquisa se faz pertinente à autora, devido inquietações referentes ao campo estudado ao qual a mesma pertence. Dúvidas que se organizaram a partir do ingresso à Licenciatura em Teatro, somada a participação no PIBID quanto o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à Educação num momento em que esta é aclamada como emergência, porém, ao mesmo tempo, ignorada ou incompreendida no meio docente.

E dentro dessas noções apresentadas acima é passível de se investigar e analisar a presença das TIC nas ações dos bolsistas do subprojeto PIBID UFSM Teatro. Para isso se apresentam a seguir as seguintes perguntas para compor o problema de pesquisa: Quais os limites e possibilidades na utilização das TIC como ferramentas contributivas para o desenvolvimento colaborativo das atividades dos bolsistas do PIBID UFSM Teatro? Como questionamentos secundários podemos elencar: Quais as categorias das TIC são utilizadas nas atividades desenvolvidas pelos bolsistas? As TIC possuem uma relevância na atuação dos bolsistas do PIBID UFSM Teatro? O uso das TIC possuem fins metodológicos e/ ou pedagógicos nas práticas desses estudantes?

De acordo com as questões latentes no problema de pesquisa compreende-se que essa investigação é de cunho qualitativo, pois segundo Angrosino (2009) tem por objetivo compreender, interpretar e explicar fenômenos sociais, a partir de diferentes métodos investigativos, que deverão ser utilizados de forma adequada ao objeto de pesquisa. Essa pesquisa utilizou-se de observação e análises de experiências dos sujeitos participantes do grupo PIBID UFSM Teatro. Além desses estudos de interações por observação, foram investigados documentos, textos, imagens, filmes e músicas compartilhados em rede pelo grupo, ou seja, tudo que se referiu a registros e trocas de informações e comunicações.

A metodologia aplicada obedece ao trinômio Teoria de Base/Abordagem, Procedimento e Técnica. Como Teoria de Base utilizou se autores da área do teatro

como Carreira (2003 e 2010); Desgranges (2006) e Koudela (1992), a fim de delinear um panorama de atuação dentro das perspectivas colaborativas na prática teatral. E autores que discutem interações e construções colaborativas mediadas por TIC como Axt, et Al (2001); Primo (2003) e Pretto e Pinto (2006). Como abordagem optou-se pela ideia das relações interpessoais para a observação das estratégias de construção colaborativa em rede dos estudantes do PIBID UFSM Teatro.

E em acordo com essa perspectiva, os procedimentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica com elaboração de fichamentos e resumos estendidos. E a pesquisa de campo, através da “observação participante” (ANGROSINO, 2009) e “olhar, ouvir e escrever” de Oliveira (2000). Esses foram procedimentos metodológicos pertinentes a esse estudo devido a autora fazer parte do grupo investigado e experienciar as ações estudadas, sem perder a atenção à “vigilância epistemológica” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2005). De acordo com Angrosino (2009), a observação participante não é propriamente um método, e sim uma das variadas possibilidades de coleta de dados e que cabe ao pesquisador utilizá-la caso essa seja adequada ao campo. Ao final da coleta dos dados e análise, os resultados dessa investigação serão apresentados de forma descritiva e reflexiva.

Dessa forma, esse artigo se estrutura por um percurso que vai discutir as relações interpessoais a favor da construção colaborativa. De maneira que, primeiro se abordará a colaboração e reciprocidade na prática teatral. Em seguida a construção colaborativa em rede, para na sequência apresentar os resultados da pesquisa através das construções colaborativas em rede no PIBID UFSM Teatro, somada às considerações finais.

1. Colaboração e reciprocidade na prática teatral

Para se discutir a questão relacional nesse trabalho, apresentam-se alguns aspectos acerca da colaboração e reciprocidade existentes na prática do teatro, para depois compreendermos como isso se dá através das redes através das TIC. O primeiro deles, a ser abordado é um dos possíveis métodos de criação, como no caso dos jogos improvisacionais no teatro. Por seguinte, traz-se um recorte na história do teatro brasileiro a fim de contextualizar um período onde a manutenção e sobrevivência da arte dramática necessitaram de uma reconfiguração a partir de estratégias colaborativas. E sobre a recepção teatral através de uma abordagem sobre a relação entre as noções de dádiva, troca e reciprocidade discutidas em *Ensaio sobre a Dádiva* (2003) de Marcel Mauss, onde esses elementos estão relacionados à questão de comunicação.

O jogo improvisacional é uma importante metodologia para se trabalhar o teatro na escola com estudantes não-atores. Segundo Desgranges (2006,) a improvisação ou os jogos improvisacionais constituem-se de uma prática de criação de cena por um ou mais alunos-atores³ sem ensaio prévio. Durante a improvisação é necessário o jogo entre os sujeitos envolvidos para que alguma coisa ocorra. É importante lembrar que há apenas algumas combinações prévias ou não. Dessa forma, deve haver entre os sujeitos escuta e atenção do que cada um propõe para que o outro possa responder de acordo com o que está se estabelecendo como jogo na cena improvisada. Outro elemento importante além da escuta e atenção para o sucesso do jogo na improvisação é a generosidade entre os participantes, para que não haja quebra de jogo por não correspondência de um aluno-ator com o outro. Um jogo não se estabelece quando uma das partes corta o fluxo de comunicação ao não retribuir algo proposto. Ou seja, a improvisação teatral depende de jogo entre os atores e conseqüentemente o jogo se dá por colaboração e reciprocidade.

Os jogos tradicionais (SPOLIN, 2010) também se caracterizam pelo envolvimento dos participantes em uma ação colaborativa e de reciprocidade. Para exemplo, traz-se uma descrição de Ingrid Koudela (1992):

³ Apesar de se estar referindo a estudantes não-atores, optou-se por essa nomenclatura para diferenciar os estudantes conforme o seu papel desempenhado na atividade mencionada.

Certa vez propusemos um jogo tradicional para um grupo de adolescentes: uma pessoa sai da sala, enquanto as outras formam um círculo e combinam quem vai ser o iniciador dos movimentos. O princípio do jogo é o espelho. Uma pessoa inicia o movimento e os parceiros refletem exatamente as ações. Quando a pessoa que saiu da sala volta, ela deve ficar no centro do círculo e adivinhar quem está liderando, sendo que o grupo procura encobrir quem é o líder. Depois de realizar uma sequência, os adolescentes estabeleceram que quando a pessoa que havia saído voltasse, o círculo todo iria imitar os seus movimentos. A resposta de grupo par ao problema proposto resultou em um novo princípio de jogo. A reformulação do princípio que a regra estabelece não parte de um sujeito individualmente, mas é passível de transformação, se ela for a expressão da vontade geral. A relação autoritária percebe a regra como lei. Na instituição lúdica, a regra pressupõe processo de interação. O sentido de cooperação leva ao declínio do misticismo da regra quando ela não parece como lei exterior, mas como o resultado de uma decisão livre porque mutuamente consentida. Evidentemente, cooperação e respeito mútuo são as formas de equilíbrio ideais, que só se realizam através de conflito e exercício da democracia. O consentimento mútuo, o acordo de grupo determina as possibilidades de variação da regra. (KOUDELA, 1992, p. 49)

Nessa situação ela descreve uma situação particular, na qual os envolvidos decidem modificar a regra desse jogo. E ainda assim, existe uma cumplicidade entre os participantes para que o jogo seja mantido. Para efeitos de esclarecimento, esse jogo se constitui de maneira que a pessoa que está no centro adivinhe quem é o mandante do movimento proposto. No caso, esse líder, deve trocar a sequência de movimentos enquanto os demais do círculo devem estar atentos para acompanhá-lo na troca, a fim de que o participante do centro do círculo não descubra o líder. Diante disso, pode-se perceber novamente a necessidade da colaboração entre os participantes para o desenvolvimento do jogo. Segundo Koudela “o grupo é o propulsor de uma ação que emerge como força coletiva” (1992, p.49). Dessa forma, os jogos improvisacionais e/ou mesmo os jogos tradicionais é uma metodologia de criação coletiva em grupos de teatro e conseqüentemente a partir do que foi apresentado acima, pode-se afirmar que durante esses processos criativos há colaboração e reciprocidade entre os atores.

Explanada a questão da criação teatral colaborativa de forma coletiva através dos jogos improvisacionais. Abre-se a discussão para o segundo apontamento referente a essas formas que envolvem principalmente o agir dos sujeitos envolvidos em uma inter-relação, ou seja, ações mútuas colaborativas entre os indivíduos. A história do teatro brasileiro foi marcada por um período político de intensa repressão da expressão e criação durante a ditadura militar (FERNANDES, 1998). Posterior a esse período, ocorreu um movimento de resistência na cena teatral brasileira para a

sua própria manutenção. Segundo Carreira (2010) o teatro brasileiro passou a se organizar num modelo de teatro de grupo⁴, seguindo dois pressupostos, que romperia com o mercado do entretenimento em busca de uma independência. Então a ênfase era focar no treinamento do ator, em busca de novas possibilidades de criação dentro de uma unidade de grupo estável de componentes, com vistas a uma relação de construção colaborativa e contínua de pesquisas. Essa necessidade de quebrar com os padrões tradicionais vigentes do período, para uma criação alternativa conta com a contribuição de todos no grupo, conforme a colocação de Fernandes (1998):

Quase todas as equipes surgidas nos anos 70 fazem de seus espetáculos o resultado da escolha, do consenso e da participação de cada um dos integrantes. Daí a extrema diversidade de linguagem gerada por esta produção, que está ancorada na experiência singular da formação, vivência, projeto estético ou ideologia dos componentes. (FERNANDES, 1998, p. 15)

Junto a isso, era necessário um espaço sede para o desenvolvimento desse trabalho que objetivava a horizontalidade⁵ na participação criativa dos envolvidos. A necessidade da sede, de acordo com Carreira (2010) além de garantir um espaço para as atividades pedagógicas e criativas nas investigações artísticas, serviram também para as contrapartidas⁶ de projetos financiados por políticas públicas⁷.

Dentro do esquema de investigação no treinamento do ator e uma sede própria, os grupos se mantinham e realizavam suas atividades de forma colaborativa dentro do coletivo, conforme Fischer (2005) descreve:

Frequentemente, as companhias teatrais se estruturam em cooperativas de trabalho. A partir de interesses comuns, indivíduos se associam para defender e comungar uma ação artística com objetivos de igual ressonância e distribuição igualitária dos recursos financeiros. Do contrario, seria impossível estabelecer uma parceria com características colaborativas.

⁴ Movimento que ocorre por toda a América Latina, mas que se apresenta de forma muito intensa no Brasil por abranger grandes centros e periferias de norte a sul do país (CARREIRA, 2010).

⁵ A ideia de horizontalidade nas atividades desses grupos não anula a existência do papel do diretor, porém sua atividade não está hierarquicamente acima dos demais, todos contribuem de forma igual em comum para a construção do projeto cênico de seu grupo. Está também calçada na ideia de criação alternativa rompendo com mecanismos de construções tradicionais no teatro conforme os interesses de um produtor. (FERNANDES, 1998)

⁶ Oficinas oferecidas à comunidade em retorno aos financiamentos através de projetos culturais aprovados.

⁷ Leis de Incentivo à Cultura. A participação desses financiamentos trata-se de uma fase já mais amadurecida no desenvolvimento do teatro de grupo incluindo a busca por métodos de criação alternativa. A ideia de teatro de grupo e os coletivos que surgiram nos anos 90 são reestruturações de movimentos políticos no meio artístico dos anos 70 e 80 em resistência aos resquícios da ditadura militar e mercantilização da arte elitizada.

Normalmente, um grupo teatral com essa natureza se reforça com as opiniões heterogêneas dos integrantes, porém, participam de uma mesma uniformidade, seja pelas experiências em comum, ou pelo ideal do grupo. (FISCHER, 2005, p. 58) Sugestões e interferências se ajustam reciprocamente, durante a confecção da cena e manutenção das corporações, intercambiando-se e fortalecendo o trabalho conjunto. A organização interna das companhias teatrais colaborativas se dá pela base do funcionamento estrutural coletivo e pela ética profissional de trabalho em grupo necessária para constituir uma disciplina interna produtiva. (FISCHER, 2005, p. 59)

Essas manifestações coletivas também contribuíram para a produção de uma dramaturgia nacional através desses processos colaborativos na construção cênica realizada pelos grupos teatrais que se organizaram dentro da perspectiva de teatro de grupo. Incluindo a escrita de textos de forma coletiva, conforme afirma Fernandes (1998), na qual, pode-se compreender como construção dramaturgicamente colaborativa.

E além da colaboração entre os sujeitos nas construções cênicas de forma horizontal dentro dos grupos de teatros para uma criação alternativa. Também houve ações colaborativas de apoio mútuo entre esses coletivos que se articulavam em prol de uma mesma ideologia, a fim de trocar experiências e fortalecer o movimento político de resistência da arte cênica brasileira.

O grupo não só é o lugar do processo criativo e social, mas a referência que desconstrói as ideias personalistas, e reafirmam a ação coletiva como instrumento de articulação dos projetos econômicos. Projetos esses que vão desde a manutenção do próprio grupo até à estruturação de circuitos de apresentações de espetáculos de diversos grupos, o que fica claro na institucionalização de circuitos de festivais que se alimentam reciprocamente. As redes alternativas, próprias dos tempos da globalização se fizeram no ambiente teatral, um dos mais significativos meios de sobrevivência devido à falta de alternativas para a profissionalização do trabalho do ator autônomo no teatro. (CARREIRA; OLIVEIRA, 2003, p. 04)

Conforme descrito acima, estratégias colaborativas e de reciprocidade entre os grupos de teatro também foram necessárias. Trata-se de um movimento artístico em rede colaborativa entre os coletivos de teatro para a sobrevivência dos artistas e da própria arte teatral.

Nota-se que esse período de transição na história do teatro, entre a forte repressão da expressão, somada à cultura de mercado elitizada, para às estruturas colaborativas que objetivaram superar os velhos modelos perpassaram os anos 70,

80⁸ e 90. Trata-se de um longo processo de manutenção e resistência que o teatro percorreu através de ações colaborativas. O movimento de teatro de grupo brasileiro ainda resiste e mantém suas atividades pelo viés colaborativo na atualidade.

Dando continuidade a discussão sobre o aspecto relacional nas construções colaborativas no teatro. Aborda-se então a relação entre espetáculo cênico e público.

O espetáculo comunica ao seu público uma soma de informações simbólicas a partir de uma fábula, construídas através de uma concepção artística teatral por meio de uma determinada metodologia. Esse comunicar é uma transmissão de conhecimento, a respeito dos assuntos abordados pela obra teatral. É algo que é entregue ao espectador. Este por sua vez, receberá estas informações através de seus sentidos sensoriais estimulados pelo espetáculo. A retribuição desse acontecimento pode se dar de diversas formas. O público pode reagir de alguma forma física, interferindo no espetáculo, ou mesmo de uma forma não visível, mas de grande relevância, refletindo a respeito do que lhe foi comunicado. Ou mesmo não reagindo, pois sua presença inerte também causará algum reflexo ao espetáculo. Sendo que o objetivo do artista muitas vezes é provocar alguma reação, ou pelo menos pensa-se e espera-se causar algo ao público.

De acordo com essa ideia faço uma comparação com a dádiva de Marcel Mauss (1872–1950), teoria fundada em sua obra *Ensaio sobre a Dádiva*, onde elaborou regras explicativas sobre as trocas, reciprocidade, e comunicação. Através da análise a respeito do *kula* (sistema de troca dos Trobriandeses, etnografado por Malinowski), Mauss verifica que na troca, inclusive a simbólica, há reciprocidade e comunicação. Ou seja, espetáculo e espectador possuem uma forte relação de reciprocidade através das trocas e da comunicação. Em *Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a Dádiva*, Lanna defende que “um *vaygu’a* (colares e braceletes *kula*) é um valor supremo, não enquanto valor econômico, pois não pode ser trocado por quais quer outra mercadoria.” (2000, p. 191). Essa constatação a respeito dos valores remetidos a estas trocas conduz a compreender que a relação entre cena e espectador se dá por comunicação mútua do aqui e agora. Espetáculo e público dependem um do outro para se constituírem tais como são durante a efemeridade

⁸ Na década de 80 há um retrocesso segundo Fernandes (1998), pois a figura centralizadora do encenador volta a ter um papel diferencial em oposição a criação colaborativa. Porém os grupos que estavam engajados na criação alternativa, ou seja, colaborativa continuaram resistindo.

do encontro um com o outro. Dessa forma, comunicam-se reciprocamente através da relação do encontro que é inerente à apresentação cênica.

E ainda experimentos de encontro com o público, como é o caso do Teatro de vivência⁹ de *Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz*¹⁰, que propõe uma interação com o seu espectador com fins estéticos.

Com o intuito de transformação individual e coletiva, a vivência apresenta um caráter de sensibilização, em que o espectador, longe de ser um receptor passivo, exerce efeito e ressonância sobre o ato cênico. A intenção é que o espectador preencha a obra com suas experiências sensoriais, memórias ou posturas críticas diante de alguma questão exposta na ação cênica. Essa condição requer a participação do espectador/autor no ato comum, tornando-se também um ator. (FISCHER, 2005, p. 53)

O teatro de vivência, uma das linhas de atuação da *Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz* intenciona metodologicamente receber a colaboração do público em seus espetáculos através do encontro, podendo haver interação do público ou não, pois esse é livre para agir e reagir como julgar necessário, segundo Fischer (2005).

Fez-se necessária a apresentação das possibilidades de colaboração e reciprocidade na prática teatral de forma demasiadamente longa, a fim de justificar a importância das relações interpessoais para a construção colaborativa. Em seguida, aborda-se a questão das construções colaborativas em rede. Entende-se que esses dois textos trarão suporte relevante para o leitor compreender as ações do grupo PIBID UFSM Teatro, através da construção colaborativa em rede.

2. Construções colaborativas em rede

As construções colaborativas em rede dependem muito das tecnologias de informação e comunicação, porém são apenas canais facilitadores para essas ações. As TIC surgiram a partir da necessidade de aproximar distâncias e unir múltiplas ideias e se renovam de acordo com as transformações comportamentais de emergência na comunicação. Ao pensar as construções colaborativas em rede

⁹ Originou-se “do desejo de propor uma relação direta com o espectador e dela é expressão. Um teatro proposto nesses moldes pode se traduzir em uma experiência ressonante para quem o vivencia como espectador e, principalmente, para o integrante do grupo.” (FISCHER, 2005, p. 54)

¹⁰ Companhia teatral de Porto Alegre – RS, criada no final dos anos 70. Seus princípios se caracterizam na criação coletiva e em moldes colaborativos. Pertencente ao movimento de teatro de grupo brasileiro com ideologia cooperativista. (FISCHER, 2005)

nesse trabalho, motiva-se a refletir sobre as relações interpessoais necessárias para o sucesso do uso desses canais.

Na perspectiva relacional para se compreender as construções colaborativas em rede é fundamental assumir que “vínculos de reciprocidade” e “princípios éticos-estéticos” (AXT, et AL, 2001, p. 13) são fundamentais. E são a partir desses mandamentos que se abordarão conceitos como interação, interatividade, coletividade, colaborativo, coautoria e cooperação em sequência a esse estudo.

Um dos conceitos de relevância para se abordar é a interatividade. Segundo Primo (2005) esse conceito possui diversos enfoques e por isso acaba por ser subdefinido. Porém dentro da perspectiva de interação mediada por computador, pontua-se a ideia de comunicação interpessoal a partir da abordagem sistêmica-relacional de “interação mútua” (PRIMO, 2005). Pois para o autor a questão da interatividade se encontra no produto resultante do encontro/interação/comunicação de dois ou mais indivíduos, ou seja, a interação e a interatividade pressupõem que exista uma relação/mensagem entre os sujeitos envolvidos.

Dessa forma a interação em rede se assemelha aos sistemas de troca e comunicação mencionados na colaboração e reciprocidade existentes na prática teatral. E que mais adiante será discutida nesse artigo a partir das estratégias de construções colaborativas através das TIC entre os estudantes do PIBID UFSM Teatro. Outro elemento a ser mencionado para tal temática, que envolve interação, colaboração e reciprocidade nas construções em rede é o hipertexto.

O hipertexto é uma das possíveis ferramentas pertencentes às TIC, que possibilita a construção colaborativa. Especificamente para a escrita colaborativa em rede. Um exemplo é o ambiente virtual *Equitext*, que segundo Axt, et Al. (2001)

Viabiliza o gerenciamento e a edição de mensagens enviadas pelo grupo de autores, inovando, com relação a outras possibilidades de comunicação colaborativa on-line (fóruns, chats, listas de discussão...), ao conjugar, num mesmo aplicativo, características distribuídas entre os demais, tais como: (a) as mensagens podem ser inseridas, não apenas ao final da lista de contribuições já efetuadas, mas também entre essas contribuições; (b) as mensagens podem, mediante combinações prévias entre o grupo envolvido, ser alteradas ou excluídas pelos participantes, mesmo quando não forem de própria autoria [...]; (c) as mensagens não invadem a caixa de correio eletrônico do participante, mas ele precisa ter interesse em acessá-las – assim, além de cadastrar-se no servidor e ter posse de sua senha, o que lhe permite identificar-se e contribuir naquelas atividades para as quais tiver autorização, o participante precisa buscar o endereço na web, onde se encontra disponível a atividade; (d) os participantes podem contribuir tanto síncrona, quanto assincronamente, de modo que cada um pode intervir, no momento em que lhe for mais apropriado, administrando o tempo de

contribuição de acordo com seu interesse e possibilidades; (e) as contribuições ainda podem vir acompanhadas de observações e comentários, o que facilita o compartilhamento de ideias e sugestões a distância, paralelas ao texto propriamente dito. (AXT, et AL., 2001, p. 2)

Através da descrição das características e funcionalidades do ambiente virtual *Equitext*, pode-se compreender o espaço-tempo de possibilidades do hipertexto como uma ferramenta de grande abrangência para múltiplas formas para a autoria colaborativa. Ou seja, o sistema de hipertexto que se compreende com a devida qualidade citada acima de acesso em rede, disponibiliza aos sujeitos participantes autonomia para a construção colaborativa em condições de coautoria para qualquer tipo de texto escrito.

Uma construção de estudos e ações de forma colaborativa em rede, apoiada a esses moldes repercute diretamente à chamada “Inteligência coletiva” (PRETTO, 2006). Na qual, todos compartilham o conhecimento por diferentes perspectivas através de uma comunhão de bens intelectuais referentes às suas diferentes experiências culturais, de vida, de estudos, de contextos sociais e políticos, ou seja, uma ferramenta mediadora de processos dialógicos, polifônicos e heterogêneos. O efeito desse encontro intelectual gerado pela construção colaborativa em rede caracteriza-se também por “uma relação que implica o aprendizado dos significados e significantes inerentes a cada um, e também o imbricamento desses elementos.” (PRETTO; PINTO, 2006, p. 22).

A construção ou escrita colaborativa em rede, ou a coautoria em rede, ou o hipertexto viabilizam um processo no qual as “fontes podem ser confrontadas e novos ângulos de análise podem oferecer visões mais amplas sobre os fatos” (MEDEIROS, 2009, p. 141), enriquecendo a produção de conhecimento de forma conjunta. Pois de acordo com Axt, et Al. (2001)

Estes “ingredientes” compõem um conjunto de condições favoráveis à negociação, à cooperação, ao respeito às individualidades, tempos e limites de cada um, a tomadas de decisão voltadas para a inclusão e auto-inclusão na atividade, caracterizando assim uma metodologia/prática educativa, a distância, comprometida com princípios éticos-estéticos de reciprocidade, autonomia e autoria. (AXT, et AL., 2001, p. 2)

E isso quer dizer que a ferramenta dá pleno suporte para a atuação colaborativa de todos os sujeitos envolvidos em um projeto comum. Porém, não há garantias que todos os envolvidos se sintam comprometidos para a ação

colaborativa. Isso porque, apesar das condições tecnológicas permitirem e até estimular as trocas informacionais para a produção polifônica. É necessário que os sujeitos tenham empatia e comprometimento ao engendo. O que significa afirmar que os canais mediadores somente se efetivam através das relações interpessoais de caráter recíproco e ético.

Dessa forma, volta-se a discutir a questão da interatividade, pois é intimamente ligada a reciprocidade e ética nas relações interpessoais quando se refere à interação em rede. Que concomitantemente abrange ideias de coletivo, colaborativo e cooperativo, mencionados anteriormente, porém não esclarecidas.

Cabe então, apresentá-las de acordo com Primo (2003) que distingue claramente a escrita coletiva da cooperativa. Pois afirma que a primeira “dispensa o pensar em conjunto”, enquanto a segunda “emerge do diálogo durante o processo.” (PRIMO, 2003, p. 13). E aborda a escrita colaborativa como uma simples colagem, sem o envolvimento do debate para a construção do texto. Para esclarecimento, apresenta-se a seguinte afirmação:

No hipertexto cooperativo todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento. [...] o hipertexto colaborativo constitui uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate (nesses casos, inclusive, uma única pessoa pode assumir as decisões do que publicar). (PRIMO, 2003, p 15)

Cabe ressaltar que se compreende a importância das distinções argumentadas pelo autor entre os conceitos. Porém percebe-se que as interações em rede ocorrem de maneiras variadas, transitando principalmente pelas ideias de construção colaborativa e construção cooperativa a partir de uma coletividade. Para tanto, esse trabalho assumiu o conceito de construção colaborativa, por entender que o debate nem sempre está presente. Mas adverte-se, quanto a afirmativa que anula o caráter dialógico na construção colaborativa. O ato de colaborar, não é uma mera participação, é uma ação de resposta a algo. Ou seja, a construção colaborativa está calçada em princípios de reciprocidade e ética.

3. Construções e produções colaborativas em rede no PIBID UFSM Teatro

Tudo é de todos, os parceiros tornam-se complementares, um age na fronteira da ideia do outro e o processo de diferir de si se dá na ação do discurso de todos sobre um diálogo interior. (KIRST; BIAZUS, p. 55)

Diferentes objetivos para um fim, ensinar e levar teatro para a Educação Básica na iniciação à docência. O grupo é grande, as cabeças/ideias são várias, as possibilidades são muitas. E as escolas de Ensino Básico, as quais o PIBID UFSM Teatro atende são duas. Tudo reunido em um espaço/tempo reduzido e dividido com outras tarefas acadêmicas, trabalho, família e distâncias.

Antes de dar início à discussão a respeito das construções colaborativas em rede no grupo estudado. Faz-se necessária a apresentação da organização do grupo no período o qual, esse foi investigado. De maio a julho de 2014 o grupo de bolsistas PIBID estava dividido em quatro formações distintas.

Na Escola Estadual de Educação Básica Érico Veríssimo atuaram dois grupos sob a orientação de uma professora supervisora. Nos quais, um deles realizou atividades com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio através de oficinas para a construção de roteiros audiovisuais. Enquanto o segundo trabalhou com alunos de sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental no contra turno, junto ao Programa Mais Educação presente na escola com oficinas de improvisação teatral, através da perspectiva da Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2007) e Teatro do Oprimido (BOAL, 1991).

Na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, escola majoritariamente com alunos surdos, o terceiro grupo realizou oficinas sobre iluminação cênica para as turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), envolvendo Ensino Fundamental e Ensino Médio. E o quarto grupo, atuou fora das escolas com a revisão e organização do Caderno de Verbetes, material didático com termos relacionados às artes visuais e às artes das cenas.

A formação de cada grupo: o primeiro composto por cinco bolsistas de iniciação a docência e a professora supervisora; segundo, quatro bolsistas e a supervisora; terceiro, oito estudantes e supervisora e quarto grupo, três acadêmicas.

Semanalmente foram realizados dois encontros, um para a reunião geral com todo o grande grupo, incluindo as duas professoras supervisoras e a professora

coordenadora e outro nos respectivos horários de cada subgrupo para as oficinas nas escolas e para os estudos. Outros encontros e/ou reuniões extras a esses dois citados ocorreram conforme as necessidades das ações realizadas pelo PIBID UFSM Teatro demandaram.

Durante o período no qual o grupo PIBID UFSM Teatro foi estudado ocorreram paralelamente às atividades nas escolas a organização de dois eventos, a II Mostra de Teatro¹¹ e o IV Seminário de Licenciatura em Teatro – UFSM¹², a escrita de relatórios mensais e uma semestral, e construção de trabalhos para eventos acadêmicos¹³.

Nas circunstâncias já mencionadas que se referem ao número de participantes no grupo, somada às dificuldades relacionadas ao tempo/espaço para mais encontros presenciais, os sujeitos também se articulavam através de rede social virtual. Essa foi um importante veículo mediador e facilitador para as ações dos estudantes de iniciação à docência.

A tecnologia sempre foi instrumento de inclusão social, mas agora isso adquire novo contorno, não mais como incorporação ao mercado, mas como incorporação à cidadania e ao mercado, garantindo acesso à informação e barateando os custos dos meios de produção multimídia através das novas ferramentas que ampliam o potencial crítico do cidadão. Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomo e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade. (PRETTO; PINTO, p. 29, 2006)

A partir de Pretto e Pinto (2006) percebe-se que as atividades acadêmicas, de formação e educação devem se incluir nas redes sociais, para fomentar a troca de conhecimento e potencializar o aumento de experiências colaborativas em rede. No caso dos bolsistas de iniciação a docência o processo ocorreu da seguinte forma, a reunião geral era dividida em dois momentos. No primeiro a comunhão entre todos, troca de impressões sobre as visitas às escolas, planejamentos a médio e longo prazo para futuras ações e a realização de jogos teatrais. No segundo momento, divisão dos grupos para planejar e organizar as atividades semanais referentes à proposta de trabalho de cada um. E entre esses dois encontros presenciais, existe um canal que viabiliza o constante contato entre os sujeitos. No qual, através de

¹¹ O evento ocorreu de 05 a 14 de junho de 2014.

¹² O evento está previsto para 03 a 05 de setembro de 2014 com algumas atividades preliminares nos dias 20 de agosto, e 29 de agosto a 02 de setembro do ano corrente.

¹³ Como exemplos JAI e IV Seminário de Licenciatura em Teatro –UFSM, os quais todos os bolsistas inscreveram trabalhos de forma individual, em duplas e em grupos.

interações síncronas e assíncronas os envolvidos trocam e compartilham mensagens, textos, leituras, comunicados, fotografias, vídeos, cronogramas e listas de tarefas referentes às ações voltadas ao PIBID UFSM Teatro. Porém, aliado a essa rede social também foi utilizado um sistema de hipertexto para dar conta das construções colaborativas em rede entre os participantes do grupo investigado.

Visto que o PIBID UFSM Teatro não está amparado por uma plataforma (ambiente virtual) específica ao programa e apropriada para ações interativas e colaborativas em rede, as ferramentas TIC utilizadas como estratégias de construção colaborativa em rede foram o grupo secreto¹⁴ “PIBID-TEATRO” pertencente à rede social Facebook e Google Docs¹⁵ ligado ao Gmail. No decorrer dos processos de ação, os sujeitos passaram também a compartilhar informações em mais dois grupos secretos da rede social Facebook, “Licenciatura em Teatro – UFSM” e “IV Seminário da Lic. em Teatro”. Na figura a seguir, apresentam-se as telas dos grupos secretos “IV Seminário da Lic. em Teatro” e “PIBID-TEATRO”. Na tela do grupo “IV Seminário da Lic. em Teatro” selecionou-se os arquivos compartilhados através do Google Docs no link “Arquivo” que pertence à página do grupo secreto da rede social Facebook. Dessa forma, os arquivos em Google Docs publicados nesses grupos poderiam ser acessados e editados pelos participantes. Na tela do grupo secreto “PIBID-TEATRO” ilustrou-se alguns repasses na linha do tempo da página para a comunicação interna do grupo.

¹⁴ São grupos fechados que pertencem a rede social Facebook. Ou seja, não é público, somente as pessoas convidadas, a entrar nesse espaço virtual tem acesso ao seu conteúdo.

¹⁵ Trata-se de uma ferramenta gratuita de edição de arquivos, pertencente ao Google. Para ter acesso a ela é necessária a internet. E então é possível que diferentes sujeitos em lugares diversos possam trabalhar em um mesmo arquivo de forma conjunta. As possibilidades de edição abrangem textos, tabelas, desenhos, slides, formulários, etc. Sendo também possível a organização dos arquivos em pastas, tudo de forma online, em rede.



Esses espaços tiveram grande importância para a produtividade dos bolsistas de forma que um complementou o outro de acordo com as suas possibilidades técnicas. Os grupos da rede social Facebook funcionaram como uma espécie de mural/agenda online, nos quais, todas as informações e demandas eram publicadas para o acesso de todos. Dessa forma, todos tinham a possibilidade de ter ciência dos encaminhamentos. Mas de que forma os sujeitos se organizavam nessa ferramenta TIC? Quem encaminhava e repassava as demandas?

A partir de reuniões presenciais e interações em rede o grupo se articulou através da divisão de tarefas. Guiada pelo debate, essas divisões, levaram em consideração afinidades, disponibilidade e aptidão de cada um para o desempenho das atividades.

Enquanto a ferramenta Google Docs foi utilizada a partir de sua qualidade técnica que viabiliza a construção do hipertexto, para a construção colaborativa através de edição online dos relatórios mensais e semestral; para os trabalhos em coautoria destinados a eventos acadêmicos; lista de contatos; lista de tarefas; etc.

Diante disso, é possível compreender o quanto foi significativo o uso conjunto dessas duas ferramentas TIC para a construção em rede no PIBID UFSM Teatro. Pois ambas se completaram em suas diferentes potencialidades. Porém, cabe

ressaltar que essas ferramentas não se fizeram eficazes somente pela sua qualidade tecnológica.

O que as tornaram eficientes foram as iniciativas dos sujeitos para solucionar problemas de comunicação e organização através delas. Pois são ferramentas mediadoras de relações, nesse caso, relações interpessoais. Existe uma necessária dependência de troca entre os sujeitos para que as ferramentas TIC façam sentido na construção colaborativa.

Conforme os autores Primo (2005) e Axt, et Al (2001) discutem em seus textos, os quais já foram apresentados nesse artigo no texto anterior, a construção colaborativa em rede dependem de estratégias de aliança e comprometimento entre os sujeitos. Relações recíprocas, interações mútuas, ações ético-estéticas, cooperação e autonomia são elementos imprescindíveis para esses processos.

Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador. Seria como tentar jogar futebol olhando apenas para a bola. (PRIMO, 2003, p. 2)

Partindo dessa afirmação de Primo (2003), é que se pode compreender a importância e forma com a qual PIBID UFSM Teatro se relacionou com as ferramentas TIC em suas atividades. Ao mesmo tempo em que, nem sempre esse processo pode contar com cem por cento de envolvimento. É difícil em um grupo grande, apesar de todo o incentivo e debate para o comum acordo, contemplar todos os anseios. Essa certa impossibilidade pode gerar algumas lacunas, que se apresentam algumas vezes como um reverso a reciprocidade entre os sujeitos para a realização integral das ações. Ou mesmo, é possível identificar algumas carências de comoção e/ou motivação para a ação colaborativa mesmo havendo as ferramentas disponíveis necessárias às trocas. Ou seja, a efetividade dos benefícios pertinentes às ferramentas TIC como mediadoras de conhecimento, dependem intimamente da empatia dos sujeitos pela proposta em vigor. Para Proulx (2010), há uma emergência de pensamento-rede para dar conta do uso cooperativo e coletivo nas redes de comunicação. E essa questão está puramente ligada à ideia de relações interpessoais, talvez por que em alguns casos, os sujeitos não se identifiquem com uma característica das relações mediadas por rede, nas quais carecem de elementos como cheiros, texturas, que são muito presentes nas

relações interpessoais presenciais. Mas essa já é outra questão, para outras discussões.

Considerações finais

Mesmo que o fazer teatral se caracterize pelo trabalho coletivo, aqui foram apresentadas circunstâncias específicas de construções colaborativas a fim de apontar essas formas como diferenciais ao processo de criação e construção artística. Assim como os PIBIDs são organizados em grupos de estudantes bolsistas nas diferentes disciplinas de licenciaturas que atuam, porém a importância está na particularidade de apresentar as ações de construção colaborativa que o PIBID UFSM Teatro manifesta em suas práticas. E ainda ressalta-se que as ferramentas colaborativas em rede, apresentadas nesse trabalho não são uma novidade no uso acadêmico, porém ainda não é uma unanimidade. Pois há ainda uma grande resistência entre os estudantes na forma com que articulam as tecnologias de informação e comunicação quando se trata de trabalhos acadêmicos em grupo em um sistema de colaboração e reciprocidade nas trocas de informação e ideias. Por isso o foco norteador desse trabalho é relacional. É preciso dar atenção às relações de troca, interação, colaboração e comunicação entre os sujeitos para que as ferramentas de colaboração em rede façam sentido e passem a ser uma contribuição ainda mais significativa e constante nas construções de conhecimento de forma colaborativa e em rede.

Acredita-se que são necessárias estratégias de comoção e/ ou motivação para que os estudantes tenham empatia em atuar em rede durante o seu processo formativo. Sensibilizações criativas são emergenciais para mobilizar estruturas enrijecidas pelos padrões tradicionais. Pois as TIC estão fortemente presentes e aceitas no campo do entretenimento com total excelência de uso e avanço tecnológico. Porém na educação as TIC ainda são pouco exploradas ao nível de suas possibilidades, ou ainda desacreditadas como uma ferramenta efetiva na mediação para a formação de conhecimento.

Essa pesquisa apresenta abordagens e reflexões que não se encerram nesse estudo. A partir dessas concepções, outras perspectivas podem ser discutidas e

analisadas. Dessa forma, espera-se que esse trabalho possa instigar outras questões e fomentar práticas de construções colaborativas em rede. E ainda a geração de projetos para a criação de ferramentas mais criativas em favor do pensamento em rede.

Referências

- AXT et ALII. **Era Uma Vez...** Co-autoria em narrativas coletivas interseccionadas por tecnologias digitais. ANAIS do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação: Educação a Distância mediada por Computador. UFES, nov/2001, Vitória, ES. pp.136-144.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.
- BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício do Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CARREIRA, André L.A.N.; OLIVEIRA, Valéria. **Teatro de Grupo: Modelo de Organização Geração de Poéticas**. In: O Teatro Transcende – Revista do 17o FUTB. Blumenau: 2003.
- CARREIRA, A. L. A. N. **Teatro de grupo e a noção de coletivo criativo**. In: VI Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas, 2010, São Paulo. Memória Abrace Digital. São Paulo: ABRACE, 2010.
- DESGRANGES, Flávio. **Os jogos de improvisação: prática teatral em processo**. In: A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FERNANDES, Sílvia. **A Criação Coletiva do Teatro**. In: Urdimento – Revista de Estudos Sobre Teatro na América Latina. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, Nr. 2, Agosto, 1998.
- FISCHER, Stela R. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas-SP: 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita**. In Obras e Vidas, o Antropólogo Como Autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.
- MEDEIROS, Leila L.. **Mídias na educação e co-autoria como estratégia pedagógica**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 79, p. 139-150, jan. 2009.
- LANNA, Marcos. 2000. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva**. Revista de Sociologia e Política. 14: p. 173-194.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do Antropólogo. São Paulo: UNESP, 2000.

POCINHO, Ricardo F. S.; GASPAR, J. P. O uso das TIC e as alterações no espaço Educativo. **Revista Exedra** • nº 6 • 2012.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio C.. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**. v.11 n. 31 jan/abr. 2006.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. 404NotFound, n. 45, 2005.

PROULX, Serge. **Trajetórias De Uso Das Tecnologias De Comunicação: As Formas De Apropriação Da Cultura Digital Como Desafios De Uma 'Sociedade Do Conhecimento'**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 49(2), Jul./Dez. 2010.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: Da Dádiva à Questão da Reciprocidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 23 nº. 66. 2008.